

DAS TORCIDAS JOVENS ÀS EMBAIXADAS DE TORCEDORES: UMA ANÁLISE DAS NOVAS DINÂMICAS ASSOCIATIVAS DE TORCER NO FUTEBOL BRASILEIRO

Bernardo Borges Buarque de Hollanda¹

Fundação Getúlio Vargas

São Paulo, Brasil

bernardobuarque@gmail.com

Anna Luiza Azevedo²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

annaluiza.azevedo@gmail.com

Ana Luisa Queiroz³

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

analuisaqf@gmail.com

Recebido em 13 de fevereiro de 2014

Aprovado em 2 de abril de 2014

Resumo

O presente artigo analisa as novas marcas da configuração do público de futebol no Brasil contemporâneo. De início, empreende-se uma reflexão geral sobre o fenômeno de pertença aos grupos de torcedores organizados, integrados tradicionalmente por jovens do sexo masculino. Em seguida, apresenta-se um apanhado

¹ Professor da Escola de Ciências Sociais (FGV-RJ) e pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas. Autor dos livros sobre história social dos esportes e história social da literatura, é coordenador da coleção “Visão de Campo”, da Editora 7Letras.

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Participa da pesquisa de campo: “Relacionamentos, rituais e configurações socioeconômicas das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro”, coordenada por Bernardo Borges Buarque de Hollanda (APQ1 – FAPERJ).

³ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Participa do projeto de pesquisa intitulado “Trabalho, distritos industriais e novas estratégias de desenvolvimento”, coordenado pelo Professor Dr. José Ricardo Ramalho.

histórico, antropológico e sociológico que visa compreender a maneira pela qual se consolidou a presença de contingentes juvenis nesses agrupamentos. Se as torcidas organizadas costumam ser associadas pelos meios de comunicação de massa a condutas antissociais de vandalismo e a práticas de violência, o intuito do artigo é, sem negar sua existência, desconstruir parte dessa imagem unidimensional e estereotipada. Propõe-se, para tanto, na parte final deste artigo, uma incursão etnográfica a uma “embaixada” de torcedores do Internacional de Porto Alegre, com a observação da fruição do jogo e do seu modo de socialização em um bar da zona sul do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: esporte; juventude; violência.

Abstract

From Young Fans Groups to Fan's Embassys: An Analysis of New Dynamics of Memberships to Groups that Support Teams in Brazilian Football

This article analyses the new configuration of football audiences today in Brazil. First of all, there is a general reflection on the phenomenon of belonging to a group of supporters, usually composed by young men. Next, we present an anthropological and sociological brief history that aims to understand how young men became the majority in such groups. If organized fans are usually associated to antisocial behavior and vandalism by the media, the objective of this article is, without closing its eyes to the reality, deconstructing part of this one-dimensional and stereotyped image. Thus, it proposes, in its final part, an ethnographic immersion to an “embassy” of fans of Internacional de Porto Alegre, observing how the game is enjoyed by them and the way they socialize in a pub located in the southern part of Rio de Janeiro.

Keywords: sport; youth; violence.

Introdução

O presente artigo tem o propósito de apresentar, para um público interessado no tema da juventude, o fenômeno das torcidas organizadas de futebol. Dentro da configuração mais ampla das plateias esportivas, visa-se oferecer um painel da conformação desses subagrupamentos juvenis de torcedores, conhecidos em todo o mundo pelo fervor extremo em relação aos seus times de futebol.

A proposta é sintetizar as contribuições da Sociologia, da Antropologia e da História para a compreensão das práticas e das representações desses grupos de fãs

futebolísticos. Com isto, visa-se mostrar como as identidades coletivas forjadas pelos jovens no mundo contemporâneo também são construídas em relação com os valores em voga na sociedade e, mais especificamente, com o universo dos esportes (DAMATTA, 1982).

Como se sabe, as torcidas organizadas costumam ser associadas na atualidade à problemática da violência, em particular a situações de desordens e a atos de vandalismo registrados nos dias de jogo, dentro e fora dos estádios. Tópico incontornável do debate, as rixas entre torcedores de clubes distintos – às vezes até entre facções de torcidas do mesmo time – têm assistido a uma crescente elevação do número de enfrentamentos.

Nos últimos vinte e cinco anos, identificam-se a sistematização e a premeditação dos confrontos inter-torcidas. Os embates têm levado a incidentes muitas vezes fatais, com o registro de mortes a envolver, na maioria das vezes, jovens do sexo masculino. Pesquisas realizadas por acadêmicos (MURAD, 2012; REIS, 2006) e reportagens veiculadas pela imprensa especializada (jornal *Lance!*, 2012)⁴ mostram o aumento dos índices de mortalidade decorrentes da rivalidade entre torcedores uniformizados.

Em recente levantamento investigativo, o periódico esportivo acima referido computou cento e cinquenta e cinco vítimas relacionadas a brigas entre torcidas organizadas no Brasil, desde 1988. Diante desse quadro, a extinção das torcidas organizadas tem sido proposta pelo Ministério Público, pela Justiça Desportiva e pelas Federações de Futebol em diversos estados do país. O recém-criado Estatuto de Defesa do Torcedor prevê, desde 2010, punições severas aos representantes das associações envolvidas em tumultos e confrontos.

⁴ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/Especial-Faccoes-mataram-pessoas-Brasil_0_674932706.html. Acesso em: 12 mai. 2013.

Em meio a esse processo de criminalização, a proposta a seguir, mais do que a emissão de juízos de valor acerca das torcidas organizadas, consiste em um esforço histórico-sociológico de compreensão da atuação desses subgrupos. Na esteira da postulação metodológica de Max Weber (COHN, 2000), sustenta-se que a tarefa do cientista social é eminentemente compreensiva, ela visa entender os fenômenos coletivos, ao invés de simplesmente julgá-los.

Assim, o artigo estrutura-se em quatro frentes. Na primeira, busca-se mostrar como a teoria desenvolvida por Norbert Elias na Inglaterra possibilitou um olhar sociológico sobre o advento dos esportes modernos, no bojo histórico do que denominou o *processo civilizador*. No caso particular do futebol, evidenciam-se as explicações dadas pelos seguidores de Elias acerca do comportamento juvenil agressivo nos estádios britânicos, protagonizados pelos *hooligans*, entre os anos de 1960 a 1980.

Na segunda parte, mostra-se de que modo os estudos antropológicos no Brasil procuraram apreender as torcidas organizadas com base em critérios distintos aos adotados pelo senso-comum e pelos meios de comunicação de massa. A ênfase voltou-se para o entendimento dos *estilos de vida*, dos *ritos* e dos *símbolos* próprios da juventude urbana brasileira dos anos 1980 e 1990, buscados igualmente ao redor da lógica competitiva e agonística do futebol. Esta foi a alternativa encontrada pelos estudos acadêmicos para relativizar o reducionismo e as explicações moralizantes dadas pela opinião pública.

Na terceira seção deste artigo, o esforço se concentra nas transformações internas por que vêm passando as torcidas organizadas nos últimos anos. Em paralelo ao crescimento e à intensificação das brigas fora dos estádios, novos agrupamentos de

jovens torcedores surgem nas arquibancadas, com a proposição de um discurso antagônico ao das torcidas tradicionais.

Os “movimentos”, como são chamadas as novas associações, em alternativa às tradicionais “torcidas organizadas”, algumas daquelas estimuladas pela direção dos clubes, têm procurado reinventar as formas festivas de torcer, sem a emulação retórica e sem o recurso performático de incitação à violência.

Para que se conheça um pouco mais desta realidade, o texto se encerra com a parte quatro, que apresenta dados etnográficos, colhidos pelas coautoras do artigo, em um bar do Rio de Janeiro, durante o acompanhamento televisivo das partidas do Internacional de Porto Alegre neste local, durante o calendário esportivo de 2010.

Dessa forma, embora reconheçamos os problemas vivenciados por segmentos das torcidas organizadas contemporâneas – linchamentos, transgressões, consumo de drogas⁵, brigas com uso de armas de fogo –, questões que afetam frações da juventude mais exposta à criminalidade e à violência urbana no país (ADORNO, 2012), o texto fecha salientando as potencialidades carnalizadoras do público esportivo. Notadamente, enfatizam-se as parcelas jovens de torcedores, capazes de reciclar e subverter as formas lúdicas, associativas e jocosas (BAKHTIN, 2010) de acompanhar o futebol.

Sociologia do Esporte e da Violência: os *hooligans* na Inglaterra

Os cientistas sociais acostumaram-se atualmente a citar a obra de Norbert Elias (1897-1990). Ao lado de Pierre Bourdieu, Elias talvez seja um dos sociólogos mais

⁵ Vejam-se notícias de acusação de tráfico de drogas por parte de líderes de torcidas organizadas: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/07/lider-de-torcida-do-internacional-e-presa-por-suspeita-de-trafico-no-rs.html>. Acesso em: 30 jul. 2013.

citados nos trabalhos universitários recentes. Com uma proposta teórica ousada, a explorar o binômio clássico indivíduo/sociedade, o sociólogo alemão propôs generalizações acerca do sentido do Ocidente e, dentro dele, a tendência histórica ocidental à internalização do autocontrole emocional e à aversão psicossocial à violência.

Se hoje é muito conhecida, a obra de Elias, no entanto, demorou a ser difundida. Em parte, a demora deveu-se a uma abordagem não convencional, com o tratamento pouco usual de temas considerados “menores” (LEITE LOPES, 1995) pela Historiografia e pela Sociologia tradicional, tais como as regras de etiqueta e os hábitos à mesa.

Os esportes podem ser incluídos no rol de assuntos considerados inferiores ou de somenos importância, que passaram a ser objeto de atenção por parte de Elias e sua equipe, em um momento determinado de sua trajetória. Para entender como ele chegou ao estudo da violência no esporte, é preciso acompanhar sua estada na Inglaterra a partir da década de 1950, mais precisamente em Leicester, quando Elias principiou a se interessar por uma história social dos desportos.

Na leitura de Elias, os esportes têm de ser entendidos à luz de seus feixes de interdependência com a história político-social mais ampla na Grã-Bretanha. O sociólogo se concentrou na singularidade da matriz civilizadora inglesa, onde as monarquias absolutistas haviam mais rapidamente se unificado. A consolidação das suas instituições só foi possível após a superação de desavenças seculares entre famílias aristocráticas que se opunham em lutas fratricidas pelo poder na Inglaterra.

A aproximação mais direta de Norbert Elias com a questão dos esportes deu-se ao longo das décadas de 1960 e 1970, quando orientou monografias sobre a história social

do *rúgbi*, do *cricket* e do *football*. A inscrição do assunto na longa duração do *processo civilizador* britânico levou Elias a ensaios escritos no período de 1966 a 1972. Eles formaram a base para a coletânea de artigos compilados em *Quest for excitement: sport and leisure in the Civilizing Process* (1986) publicado junto com seu orientando mais próximo, Eric Dunning.

O registro de casos de violência não apenas dentro campo de jogo como nas arquibancadas fez Elias encaminhar uma difícil questão aos seus alunos na confrontação do sentido do *processo civilizador* no futebol: o aumento do número de desordens nos estádios e o crescimento de brigas entre os torcedores de clubes rivais. Historicamente, após a realização da Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, o fenômeno do *hooliganismo* avultou como um problema social. Ele se desdobrou e expandiu nas décadas de 1970 e 80, chamando a atenção da sociedade para além do universo esportivo.

A visibilidade adquirida pelos *hooligans* mostrou-se um fator de inquietação nacional – os jornalistas referem-se ao “pânico moral” provocado por eles –, com crescentes distúrbios nas tribunas de futebol, nas imediações dos estádios, nos *pubs* ou nos meios de transporte. Vistos pela sociedade como arruaceiros, que externavam suas frustrações pessoais cotidianas em dias de jogos, os valores apregoados por esses grupos pareciam à primeira vista colidir com os princípios civilizadores dos desportos, desde a sua instituição na modernidade.

Os públicos esportivos haviam sido forjados de maneira correlata à invenção dos espetáculos de massa, mas a “busca da excitação” – força motriz do ato de torcer – acabou por se sobrepor ao controle das emoções. A apresentação de uma justificativa para o caso propiciou aos alunos de Elias o esclarecimento de vários pontos ainda

duvidosos acerca da teoria, uma vez que ela demonstrava a não linearidade de seu conceito e a ideia da possibilidade de recorrência de movimentos em sentido contrário, processos de *descivilização*, em momentos e em épocas históricas precisas.

A questão essencial para os seguidores de Elias foi o entendimento das razões pelas quais jovens e adolescentes do sexo masculino, pertencentes aos estratos socioeconômicos mais baixos da sociedade, notadamente os saídos da classe operária, sentiam prazer em se bater.

Da mesma maneira, era importante saber em que medida a formação de um estilo de vida nesse meio dependia do respectivo encorajamento ao comportamento agressivo em seu meio de origem. Por fim, cumpria elucidar o significado do futebol como o espaço escolhido para a exibição de tais condutas.

A fim de responder a essas indagações centrais, Eric Dunning e seus colegas recorreram a um sociólogo descendente da Escola de Chicago, Gerald Suttles, autor de *The social order of the slum* (1968) e *The social construction of communities* (1972). Seus trabalhos abordavam as especificidades das camadas inferiores da classe operária, de onde eram egressos os jovens que formavam as subculturas violentas e que pautavam seus valores em padrões viris de afirmação da masculinidade.

Os representantes de Leicester extraíram de Gerald Suttles a expressão “segmentação ordenada”, que em muitos aspectos se assemelha ao “sistema de linhagens” descrito por antropólogos sociais britânicos, como africanistas do naipe de Evans-Pritchard. Em estudo sobre as comunidades de Chicago, Suttles sublinhava de que maneira as unidades territoriais costumavam articular suas identidades particulares com a atribuição de um peso considerável à idade, ao gênero e à etnia.

Essas por sua vez se imbricavam com a estrutura maior da sociedade e com o jogo de construção das identidades contrastivas inter-comunitárias. O referido esquema de sociabilidade poderia obedecer à variação de escalas em nível local, regional ou nacional, com a tendência ao estabelecimento de associações bilaterais entre grupos que ora se opunham ora se aliavam.

Tal modelo divisório-complementar de moradores de um bairro contíguo adjacente, que poderia se estender até mesmo a ordens de grandeza maiores, dava origem a grupos vicinais de jovens do sexo masculino, formados na socialização em espaços públicos como a rua. Os laços de moradia adquiriam assim sentido e coesão à medida que se contrapunham aos demais grupos e à ameaça representada por rivais externos.

Ao lado das rivalidades criadas no convívio com seus pares em espaços públicos como a rua, a casa também constituía um lugar de destaque para a construção de um modelo entre os jovens adolescentes, espelhados nas condutas arbitrárias e violentas dos pais. O estereótipo do chefe de família da classe operária mais baixa é o daquele que exerce um severo controle sobre seus consanguíneos, com base na força bruta e na separação bem clara entre os papéis masculinos e femininos.

Esse tipo é aqui evocado para explicar a sociogênese da “masculinidade agressiva” e sua relação com os fãs extremos do futebol inglês. Ao contrário dos círculos sociais, inclusive dos operários em melhor condição econômica, em que a violência causa repulsa e é condenada, esses jovens proletários encontravam uma emoção agradável na intimidação e no confronto com seus inimigos, no caso os rivais dos clubes de futebol, sem gerar qualquer sensação interna de culpa.

Como corolário, aquele que sobressaía nas lutas tornava-se respeitado, adquiria prestígio com seus colegas e ganhava *status* no meio de origem. Essa reputação crescia em importância na medida em que ela se tornava a forma principal de visibilidade social. Por um mecanismo de estigmatização no trabalho e na escola, o trabalhador das classes subalternas é aquele que se sente alijado da sociedade envolvente e não vislumbra qualquer possibilidade de ascensão educacional ou profissional.

Dessa maneira, a variação na frequência dos distúrbios e das brigas provocadas nos campos de futebol dependia em parte do grau de incorporação da classe trabalhadora na vida social britânica.

Segundo a explicação histórica do *hooliganismo*, a virada da década de 1950 para 60 corresponde à mudança na configuração do público de massas no futebol. Neste momento, assiste-se à juvenilização e ao recrudescimento da violência nos estádios.

Os *kops*, *ends* ou *terraces*, como eram chamados os locais mais baratos e mais vibrantes dos estádios, situados atrás do gol, nas arenas retangulares do futebol britânico, tornaram-se espaço para a reunião de jovens torcedores. Ali foram criadas as “firmas” – grosso modo, o equivalente inglês de torcidas organizadas – como a *Inter City Firm*, do clube londrino *West Ham United*.

Junto a essa cultura juvenil em gestação, subgrupos urbanos já existentes, como os *mods*, os *rockers*, os *teddy boys* e os *skinheads* (COSTA, 1993), transferem suas próprias lógicas de rivalidade para o futebol. Além da “segmentação ordenada” assinalada por Suttles, a justificativa dos autores para a intensificação da violência compreendia a incidência desigual das taxas de incorporação social, aferidas mediante dois critérios institucionais: a educação escolar e o mercado de trabalho.

Em análise que se soma à interpretação eliasiana do hooliganismo, o francês Philippe Broussard considerou:

Muito além dos limites do esporte, a atual violência dos *hooligans* é reveladora da evolução de uma parte da juventude europeia, voltada para um mundo onde estão presentes, o tempo todo, tanto a violência quanto a imagem. Nos grandes estádios, frequentemente, estes jovens encaram suas ações como um prazer ritualizado, uma aventura renovada semana a semana. Para esta geração, do *vídeo game* e da multimídia, a violência encontra-se tão banalizada, que aparece como um produto de *fast food*, logo consumida, logo esquecida... (apud AGOSTINO, 2002, p. 233).

Com esse esquema sociológico, baseado na observação do emprego da força física e das suas formas de regulação, Elias e seus principais seguidores forneciam um quadro explicativo do fenômeno dos *hooligans* na Inglaterra. Segundo tais pressupostos teóricos, tornava-se possível uma sociologia dos esportes e, mais especificamente, uma sociologia da violência no futebol, em interdependência com os fatores sociais.

No que diz respeito aos espectadores, suas origens sociais permitiam compreender as condutas valorizadas pelos grupos de torcedores formados no interior da cultura futebolística britânica. Assim, no caso do Reino Unido, o peso da classe trabalhadora e, dentro dela, de segmentos juvenis proletarizados, devia ser levado em consideração na compreensão do fenômeno *hooligan*.

A Antropologia Social e a violência torcedora no Brasil

O *hooliganismo* é considerado hoje em dia, na Inglaterra, um fenômeno histórico datado. Embora não deixe de haver problemas relativos a comportamentos tidos por desviantes, a exemplo de clubes de segunda divisão, como o londrino Millwall, cujos torcedores gozam de uma má reputação entre as autoridades policiais, os distúrbios

parecem ter sido equacionados. O decréscimo no número de incidentes voltou a ser considerado socialmente tolerado nos jogos da *Premier League*.

Uma profunda mudança estrutural foi empreendida para que isso acontecesse. Após o auge midiático do *hooliganismo*, com as tragédias dos estádios de Heysel (1985) e de Hillsborough (1989), uma mobilização foi iniciada para pôr fim à onda de violência nos estádios ingleses. Ao longo da década de 1990, as arenas esportivas sofreram grandes modificações arquitetônicas, quando não inteiramente reconstruídos, com vistas a atomizar e conter a movimentação do público.

Enquanto essas transformações aconteciam, a problemática das torcidas emergia e se consolidava no Brasil. É difícil averiguar em que medida a disseminação daquelas imagens trágicas transmitidas pela televisão afetou a conduta das torcidas organizadas no país. Não é fácil também aferir até que ponto o tipo britânico do *hooligan* influenciou a postura de determinados torcedores no país.

O fato é que a crônica esportiva brasileira seguiu a tendência mais geral do jornalismo, ao dar ênfase ao problema da violência e ao cobrar resoluções imediatas das entidades competentes. As torcidas organizadas foram tratadas sob essa mesma ótica, passando a ser vistas à parte do mundo do futebol, e diferenciadas do torcedor comum.

No dia primeiro de outubro de 1992, o *Jornal da Tarde* noticiava:

Os torcedores sul-americanos estão seguindo o ritual de violência praticado pelos *hooligans* europeus. As facções organizadas se transformaram em autênticos grupos de guerrilha urbana, como é comum na Inglaterra. Nos jogos dos grandes clubes, a maioria dessas organizações entra nos estádios armada de estiletes, porretes e até revólveres. Nos últimos seis meses, cinco pessoas morreram durante os conflitos entre torcidas organizadas no Brasil, Uruguai e Argentina (apud TOLEDO, 1994, p. 93).

O estigma firmou-se entre 1988 e 1995, quando incidentes na capital paulistana sobrepujaram a conjuntura dos jogos e adquiriam ressonância nacional. O ano de 1988

assinala o falecimento de Cléo, presidente de uma torcida uniformizada do Palmeiras, assassinado por motivos obscuros, não desvendados pela polícia.

A premeditação do assassinato e a utilização de armas de fogo revelavam o grau de beligerância a que chegavam as rixas entre as torcidas organizadas, fato agravado ainda em razão de a vítima ser não apenas um componente, mas o líder de uma das mais conhecidas e temidas agremiações do país.

Já o ano de 1995 foi marcado por um acontecimento com impacto equiparável, em nível nacional, àquele gerado na imprensa estrangeira com a tragédia de Heysel. A gravação da final da II Supercopa de Juniores entre São Paulo e Palmeiras permitiu que as câmaras de televisão registrassem a invasão de campo das torcidas organizadas de ambas as equipes, em um enfrentamento com bastões, paus e pedras naquela que ficou batizada como a *batalha campal do Pacaembu* (TOLEDO, 1997).

O episódio fez centenas de feridos e resultou na morte de um menor de idade, com o registro ao vivo de uma sequência de cenas exibidas diversas vezes ao longo da semana. As discussões na imprensa escrita, falada e televisada acarretaram, por um lado, a sensibilização e a perplexidade de vários extratos alheios ao futebol com a gravidade da situação; por outro, ensejaram reações extremadas entre aqueles que viam no banimento das torcidas a providência mais adequada para conter a escalada da violência.

O panorama colocou a Academia em face de novas demandas da sociedade. A necessidade de produção de explicações sobre o comportamento das torcidas organizadas levou os pesquisadores a uma postura de cautela em relação à maneira sensacionalista como setores influentes dos esportes encaminhavam a questão.

Vista em seu conjunto, a maioria dos trabalhos procurou refutar a visão corrente segundo a qual a violência seria uma patologia social inerente aos membros das torcidas organizadas – com os pejorativos “vândalos”, “bárbaros” e “irracionais” – e uma característica exclusiva da contemporaneidade.

A Antropologia Social foi uma das principais defensoras desse ponto de vista. Ela valeu-se da etnografia e de seus axiomas e métodos clássicos – a pesquisa de campo, o relativismo cultural e o conceito de drama – para a captação do ponto de vista do nativo e para a compreensão de seus atos, com a exposição do sistema de rituais, de símbolos e de visões de mundo que norteavam esses heterogêneos agrupamentos sociais.

Conceitos chaves, como *estilo de vida*, usados inicialmente pelo Centro de Estudos Culturais de Birmingham para caracterizar a “cultura jovem”, eram acionadas para dar conta dos padrões de sociabilidade e distinção entre subculturas juvenis de torcedores na metrópole. Os códigos de honra presentes nas torcidas organizadas passavam pela afirmação de valores viris, pela demarcação de fronteiras sócio-espaciais e pela construção de ideais de masculinidade, com seus traços de honorabilidade.

Para abordar a questão dos valores, a Antropologia Social baseou-se nas obras de John G. Peristiany: *Honor y gracia* (1965) e *El concepto de honor en la sociedad mediterrânea* (1968). Em horizonte mais amplo, o antropólogo Arno Vogel (1982) estudou a incorporação de categorias como *respeito*, *honra* e *vergonha* entre os torcedores brasileiros após o desempenho da seleção nacional nas Copas do Mundo de 1950 e 1970. Muitos estudiosos, inclusive argentinos, estenderam tal tipo de análise para o caso das torcidas organizadas (ALABARCES, 2005).

A exacerbação do culto à superioridade do grupo diante do concorrente era o que levava ao rompimento da estrutura mais geral de relação entre torcedores de equipes

adversárias. Esta consistia nas gozações típicas do *parentesco por brincadeira*, para seguir a sugestão de Radcliffe-Brown, ou na dadivosa reciprocidade que unia as tribos e as sociedades, impedindo-as do massacre e do sacrifício desagregador (RADCLIFFE-BROWN, 1973).

Em lugar relações das jocosas, o passo seguinte às provocações e às humilhações morais eram as agressões físicas, com a suspensão ou a alteração das formas ordenadas de competição que mimetizavam as regras derivadas da dinâmica disjuntiva do jogo, tal qual apontada por Claude Lévi-Strauss em *O pensamento selvagem* (apud DAMO, 2007).

Enquanto nos ritos dos povos ditos primitivos as partes em disputa se diferenciavam para depois se igualar e unir, os concorrentes modernos, sob a égide da meritocracia, partiam de uma condição de igualdade para terminar a contenda ritual em uma situação desigual.

Assim, se na Inglaterra as explicações tinham um caráter mais sociológico, com a busca de fatores sociais nacionais – o grau de inserção da classe trabalhadora e dos setores juvenis proletários na sociedade mais envolvente – no Brasil houve uma ênfase antropológica como parâmetro para o entendimento do comportamento grupal desviante associado ao futebol.

Esses agrupamentos eram caracterizados pelas pesquisas de opinião pública, como a realizada pelo Instituto Gallup/1992, da seguinte maneira: “... a maioria desses torcedores é do sexo masculino, com idade entre quinze/dezessete anos e grau de instrução entre o primário e o secundário, situada nas classes C e D” (apud TOLEDO: 2000, p. 129). Com base em tais dados, os meios de comunicação ligavam

automaticamente as práticas violentas juvenis ao rótulo dos *hooligans* ou ao advento das “tribos urbanas” de que fala Michel Maffesoli.

Em sentido contrário, Luiz Henrique de Toledo abordava as torcidas à luz do estudo sobre jovens coordenado por Magnani (2007). Ele deteve-se com mais profundidade na etnografia dos subgrupos torcedores – visita às sedes, deslocamentos para o estádio, ações ritualizadas nas arquibancadas, apreensão nativa dos sentidos atribuídos à briga – e realçou o pertencimento grupal na constituição dos *estilos de vida* da juventude urbana brasileira dos anos 1990.

Dessa forma, evitou a simples transposição de nomenclaturas internacionais e questionou a sua aplicação frente a realidades socioeconômicas e culturais distintas.

Enquanto na Inglaterra a Sociologia teve a primazia na explicação do hooliganismo, com a ênfase na sociogênese da agressividade masculina e na incapacidade de incorporação social de segmentos proletários juvenis, no Brasil dos anos 1990 a Antropologia urbana salientou a importância dos padrões de sociabilidade dos jovens na metrópole.

Mais do que grades conceituais, interessavam aos antropólogos os significados atribuídos por esses atores às torcidas organizadas e ao futebol profissional. Esta prática emergia como aglutinadora de massas e como catalisadora de parcelas da juventude, sendo capaz de promover e de forjar identidades coletivas no cenário urbano.

Novas dinâmicas do torcer: “movimentos” versus “torcidas jovens”

No início do século XXI, a temática pública relacionada às torcidas de futebol não se modificou à primeira vista. Em grandes linhas, a imprensa continuou a polarizar-se

entre o elogio puro e simples à animação colorida das arquibancadas e a crítica acerba às práticas de vandalismo nos estádios.

A violência permaneceu como uma preocupação constante entre as autoridades. À medida que os mecanismos de repressão e vigilância se intensificaram no interior das arenas esportivas, verificou-se a tendência à irradiação dos conflitos para os arredores e até mesmo para os perímetros urbanos mais afastados dos palcos do jogo.

Em 2007, a escolha do Brasil como país-sede para a realização de uma Copa do Mundo, em 2014, levou a uma mobilização nacional ainda maior no que diz respeito à contenção das brigas. A agenda dos megaeventos impeliu o debate para a urgência de uma completa renovação da estrutura dos estádios e, dentro dela, para a extirpação dos atos de violência nas praças esportivas.

Com efeito, o Estatuto de Defesa do Torcedor, que havia sido promulgado em 2003, foi reeditado em 2010. Em sua nova versão, constavam penas mais severas às lideranças de torcidas envolvidas em conflitos. O Ministério dos Esportes, por seu turno, passou a realizar seminários nacionais com os representantes de torcidas organizadas, de modo a exigir o cadastramento de todos os associados ligados às entidades.

Em termos midiáticos, uma mudança de estratégia pode ser observada por parte dos órgãos responsáveis pela cobertura dos jogos, sobretudo as redes de televisão. Estas, como patrocinadoras das competições esportivas, cada vez mais se impuseram e passaram a influir nas decisões sobre a organização do futebol brasileiro. Dentro de tal projeto, exerceram igualmente influência sobre o tipo de torcedor, e de telespectador, desejado em suas transmissões.

Para além das reprovações usuais aos distúrbios provocados pelos torcedores organizados, é possível notar uma mudança de posicionamento perante as torcidas, entre alguns meios de comunicação contemporâneos, em especial a emissora de televisão que detém o monopólio das transmissões dos principais torneios nacionais e estaduais.

Desde o Campeonato Brasileiro de 2006, acompanha-se uma modificação na postura da televisão em face das torcidas uniformizadas, durante suas transmissões. Tal mudança visa uma progressiva incorporação desses grupos estigmatizados ao que se convencionou chamar espetáculo esportivo.

A tentativa de enquadramento das torcidas ao discurso pedagógico e moralizante dos esportes, veiculado pela mídia televisiva e presente na imprensa brasileira desde os anos 1930 (HOLLANDA, 2010), resulta em uma espécie de acordo tácito entre o emissor e o receptor das imagens veiculadas. Abre-se um campo de negociação frente ao papel hegemônico da TV na transmissão das partidas.

Nesse contexto, observaram-se, por exemplo, o incentivo e a sugestão de um repertório musical menos beligerante e de baixo calão nos estádios. A título de ilustração, basta citar aqui a melodia “Marcha da Vitória”, que a torcida do Flamengo adaptou inspirada em um jingle da Fórmula 1, evento automobilístico internacional patrocinado pela mesma emissora de televisão.

Em contrapartida, essas torcidas vêm recebendo um maior destaque imagético e sonoro durante tais transmissões, em uma aproximação que até então improvável.

É claro que a maior exposição e o maior espaço virtual dado a esses grupos não é apenas uma repentina concessão televisiva. Ela foi fruto também de uma mudança na infraestrutura dos estádios e de uma alteração paulatina do perfil socioeconômico do público torcedor, culminando em um rearranjo interno ocorrido no seio das torcidas.

Por um lado, tal transformação decorre de um novo movimento de dissidências instaurado entre as torcidas de cada clube. Entre elas, como estratégia de diferenciação, os torcedores dissidentes procuram reaver o discurso das tradições esquecidas ou das raízes perdidas. Para tanto, reavivaram lemas antigos, refizeram slogans e faixas de outrora.

Nos últimos anos, voltou-se então a falar de um ambiente festivo e familiar que torna a impregnar a paisagem polifônica e multicolorida das arquibancadas, através da recuperação dos cânticos, dos uniformes e das bandeiras modeladas à moda antiga, imitando tipos torcedores existentes entre os anos 1940 e 1970.

Por outro lado, a mudança é decorrência também de um movimento de torcidas vindo de fora do Brasil, que se soma às transformações ocorridas internamente. Elas têm como fonte original o padrão de torcer de algumas *hinchadas* – ou *barras* – como são chamadas na Argentina, que inspiraram de início as torcidas situadas na fronteira.

Do Rio Grande do Sul, onde em 2001 surgiu a Torcida Geral do Grêmio, essas *barras* logo se propagaram para boa parte do país. Tais torcidas postulam, como princípio básico, o apoio incondicional ao time do coração e o canto coletivo ininterrupto ao longo do jogo, independente do resultado adverso ou favorável.

A combinação desses dois fatores, um interno e outro externo, permitiu a certos meios de comunicação hegemônicos e a certos comentaristas esportivos da grande imprensa a brecha para sair da camisa de força em que se encontravam desde os anos 1980. O apoio dado a esses novos agrupamentos de torcedores constituiu uma saída conveniente para tentar vencer essa “disputa simbólica pelo significado de torcer”, como se refere em artigo Luiz Henrique de Toledo (1999).

No Rio de Janeiro, essa *disputa simbólica* a que se refere Toledo ganhou maior visibilidade nas arquibancadas, a partir de um contraponto verificado desde 2006. A contraposição coloca, de um lado, as denominadas “Torcidas Jovens” e, de outro, os torcedores agrupados em novas associações chamadas “Movimentos”.

As Torcidas Jovens costumam ser reconhecidas como as tradicionais e principais associações de torcedores. Elas ficam situadas atrás do gol e constituem uma referência histórica, posto que fundadas em fins dos anos 1960. Além da tradição, elas contam com a supremacia em termos quantitativos e são responsáveis pelos principais cânticos entoados nas arquibancadas. Não obstante, são reputadas negativamente pelos *mass media* e vistas como as promotoras de badernas e atos de vandalismo.

Já os “movimentos” são grupos recém-fundados. Trata-se, em alguns casos, de dissidentes das torcidas organizadas tradicionais. Em sua maioria, são compostos por jovens frequentadores de estádios, insatisfeitos com os padrões de conduta adotados pelas Torcidas Jovens ao longo do tempo. Surgidos em fins dos anos 2000, eles passaram a preconizar a exaltação exclusiva ao clube, em detrimento dos cânticos autorreferidos às torcidas.

Conforme sintetiza a antropóloga Rosana da Câmara Teixeira (2010):

Os novos movimentos de torcedores, resultado da reunião de amigos, alguns inclusive ex-integrantes de torcidas organizadas, identificam entre seus objetivos: unir a massa torcedora (sem subdivisões), incentivar o time (“cantar é obrigatório, não importa o placar”; “paixão é participação”), a valorização do torcedor como “patrimônio” (cuja integridade física deve ser preservada) e o “fazer festa”, traduzida no incentivo através dos cânticos, na afirmação da identidade clubística, em detrimento da paixão pela torcida, recusando segmentações, além do repúdio à violência (p. 5).

Entre os seguidores dos principais clubes do Rio de Janeiro, os “movimentos” surgiram com as seguintes denominações: Movimento Popular Legião Tricolor

(Fluminense), Loucos pelo Botafogo (Botafogo), Guerreiros do Almirante (Vasco da Gama) e Urubuzada (Flamengo).

Do ponto de vista de suas práticas e representações, os “movimentos” procuram ser a antítese das torcidas jovens. Em termos retóricos, rechaçam a violência; em termos organizacionais, recusam a burocratização; em termos visuais, não usam faixa ou camisa alusivas ao grupo; em termos rítmicos, adotam os cânticos e os instrumentos argentinos; em termos clubísticos, apoiam de modo ininterrupto e integral o time, sem a admissão de vaias ou protestos.

Ainda de acordo com Teixeira (2010), as diferenças sócio-sonoras entre movimentos e torcidas jovens podem ser assim definidas:

Se os cânticos são estratégicos na manifestação no estádio, os conteúdos se pretendem distintos: para os movimentos populares e as novas torcidas, o incentivo ao clube deve ser a tônica, enquanto que, para as organizadas, a provocação, a rivalidade entre torcidas e a incitação ao confronto são elementos recorrentes (p. 6).

Embora seja fenômeno ainda muito recente, situado na superfície dos acontecimentos e ainda sem um aprofundamento necessário para que se tenha uma melhor dimensão, a guinada nos discursos e o anseio por novas práticas chamam a atenção dos estudiosos. Eles confluem com uma distinta estratégia e com uma nova postura por parte de setores da chamada opinião pública frente às torcidas organizadas nas décadas anteriores.

Até então, o ramerrão que apregoava a volta das “famílias” aos estádios tornava as torcidas organizadas um obstáculo incontornável, algo que deveria ser a todo custo erradicado, como ocorreu nas assépticas e gentrificadas praças esportivas da Europa.

Àquela altura, quando tragédias fatais também sucediam no Brasil, defendia-se a ideia de que a exclusão e o banimento dessas torcidas seriam a única forma de redenção

da crise em que se enchafurdava o futebol. Sabe-se, no entanto, que, para além do aspecto moral, a solução mais importante a que se visava no futebol era a de cunho financeiro.

Passados alguns anos de tentativas malogradas de proibição e de criminalização desses agrupamentos, parece haver agora o entendimento de que a incapacidade de extingui-los ou de enfraquecê-los pelo isolamento deve ser, ao contrário, revertida e convertida em capacidade de incorporá-los.

Esse parece ser o caso dos “movimentos”, cujos princípios convergem com os apregoados pelo discurso preconizado pelos especialistas do futebol, dentre locutores, comentaristas e cronistas esportivos. Tais princípios são também esperados pelos novos gestores do futebol, que entendem os esportes como fronteira ilimitada para o *business*, dentro de uma cadeia de consumo inaugurada nas arenas remodeladas para os megaeventos esportivos.

Notas etnográficas de uma “embaixada” de torcedores do Internacional-RS

As mudanças estruturais no futebol contemporâneo, acima descritas, vêm acarretando novos espaços para a fruição dos torneios esportivos. A modificação arquitetônica dos estádios fez com que se observasse uma tendência à mudança de padrão, com a progressiva diminuição da capacidade de público.

Uma praça esportiva como o Maracanã, por exemplo, construída para receber mais de cento e cinquenta mil espectadores, foi redimensionada e passou acolher, a partir de 2013, a capacidade máxima de setenta e cinco mil torcedores. Com isto, reduz-se à metade a totalidade original de público pagante.

As reformas têm em vista o oferecimento de um maior nível de conforto aos que acompanham o futebol. O discurso em torno da segurança e da comodidade, evidentemente, vem acoplado às transformações capitalistas na administração do futebol e à ingerência dos meios de comunicação, que patrocinam as competições e irradiam as partidas.

Com o advento da televisão no Brasil, a figura do telespectador passa a constituir uma peça-chave no espetáculo esportivo, cada vez mais convertido em espetáculo midiático. De maneira progressiva, a audiência futebolística tornou-se o principal meio de acesso e a fonte de renda mais importante dos torneios.

Em termos quantitativos, o torcedor de televisão supera, de há muito, o espectador nos estádios. Recentemente, a introdução de telões nas novas arenas esportivas mostra quão forte é a influência da linguagem imagética, por meio dos monitores televisivos, na determinação do modo de acompanhamento dos jogos, mesmo dentro dos estádios.

De modo geral, as análises sobre o comportamento dos torcedores, que apresentamos até aqui através dos *hooligans* na Inglaterra, das torcidas organizadas no Brasil e dos “movimentos” no Rio de Janeiro, não contemplam esses milhares de telespectadores, condicionados pelo modo de difusão televisivo.

Entre jovens e adolescentes, tornou-se frequente o ato de assistir aos jogos juntos, quer seja em casa, nos bares ou em espaços reservados como os clubes. Os condomínios dos grandes prédios, por exemplo, afiguram-se igualmente locais de encontro para ver as partidas em grupo. E isto não apenas em Copas do Mundo.

Diante dessa realidade, crescente e imperante, constata-se a ausência de estudos que deem conta de tais *locus* de socialização⁶. Em vista disto, para o fechamento deste

⁶ Registrem-se exceções, como GASTALDO (2005, 2010).

artigo, propomo-nos descrever em seguida, sob um olhar antropológico, as formas públicas de sociabilidade juvenil em torno do jogo.

O método escolhido foi o etnográfico, tendo sido realizado pelas duas coautoras do artigo. Detivemo-nos no caso de uma “embaixada” do Internacional. Por embaixada, entende-se a denominação recente, dada e reconhecida institucionalmente pelos clubes de futebol profissional, aos torcedores residentes em outros estádios da federação⁷.

De modo até certo ponto espontâneo, as embaixadas reúnem torcedores de um time que moram em uma determinada cidade. Graças às redes sociais da internet, eles definem um ponto de encontro para assistir às partidas juntos. Com o tempo, o hábito de ver os jogos permite a criação de laços de amizade e a coesão de grupos de torcedores de um clube. Em alguns casos, a estabilidade da embaixada faz com que a mesma designe um responsável, denominado “cônsul”, como se verá no caso a seguir.

O mais importante a ser salientado com a etnografia abaixo exposta é nossa proposta de entender os modos de congraçamento, e também de contraste identitário, que o futebol enseja. Procuraram-se para tanto situações outras que não somente a vivenciada no recinto dos estádios.

* * *

A intenção inicial da etnografia era abordar a sociabilidade das torcidas cariocas nos bares em torno do estádio Mário Filho, o Maracanã. Buscava-se entender a maneira pela qual os torcedores apropriavam-se de espaços públicos, tais como bares e ruas. Propunha-se também averiguar se havia o estabelecimento de alguma identidade das torcidas com aqueles determinados ambientes.

⁷ Veja-se, por exemplo, a embaixada de torcedores do Esporte Clube Bahia na cidade de São Paulo: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/bahia/noticia/2012/01/longe-de-casa-torcedores-do-bahia-se-unem-e-criam-embaixada-em-sp.html>. Acesso em 05 ago. 2013.

Em seguida, deu-se atenção aos grupos de torcedores de clubes de outros estados, residentes no Rio de Janeiro. Através de um informante, descobrimos a existência de uma torcida do *Sport Club* Internacional de Porto Alegre, no Rio de Janeiro.

Formulamos preliminarmente uma pergunta de caráter sócio-antropológico: é possível identificar, entre os fãs de futebol, os mecanismos de coerção social que, ao mesmo tempo, incluem o indivíduo no grupo e o opõe em relação aos demais?

Para a afirmação não só do grupo, mas também da participação do indivíduo no mesmo, faz-se necessário a adoção de práticas e condutas comuns entre seus pares, que os diferenciem entre os demais, de forma que ocorra a valorização dos seus em detrimento dos outros.

Resolvida então a questão sobre a influência dessas organizações no indivíduo, passamos então a tratar a relação da torcida do Internacional no Rio de Janeiro, com o espaço em torno do qual ela se reunia; no caso, dos adeptos “colorados” com seu ponto de encontro, o bar Copinha.

Copinha é o nome de um estabelecimento comercial situado no bairro de Copacabana. É constituído por um balcão em formato de ‘L’, tem cerca de seis bancos e uma TV. Em razão das pequenas dimensões, não é capaz de acomodar todos os colorados que lá vão para assistir às partidas.

Para a pesquisa de campo, separamos nosso calendário em dias de jogo e em dias sem jogo. Observamos que, no cotidiano, o bar suporta os clientes sem utilizar o espaço externo da calçada. Contudo, nos dias de partida do Inter, a utilização do mesmo é necessária. Assim, foi possível observar uma mudança na composição deste espaço, mediante a apropriação do bar pelos torcedores, gerada pela frequência regular de acesso ao local.

A alteração do bar, de centro de vendas de bebidas em *espaço colorado*, requer o entendimento das categorias público e privado, e também de como e por quem são realizadas. A partir dos relatos de campo e da análise dos mesmos, pretendemos elucidar tanto essas categorias como a descrição do ritual da torcida gaúcha naquele lugar.

A aproximação com os torcedores colorados ocorreu sem dificuldades. Primeiro, conseguimos o endereço sem precisar perguntar a nenhum organizador, pois nosso informante conhecia o local previamente. Chegando lá, deparamo-nos com um grupo de aproximadamente setenta pessoas.

Os colorados estavam na calçada da rua e tinham suas atenções voltadas para o jogo transmitido em uma televisão. Esta se encontrava apoiada de maneira aparentemente improvisada sobre um refrigerador, enfeitado por adesivos que enalteciam os títulos conquistados pelo clube do Rio Grande do Sul.

Próximo à TV havia uma churrasqueira, que parecia nova, recém-adquirida pelo estabelecimento. Na esquina, uma banca de jornal encobria-se de bandeiras vermelhas e brancas. Os colorados costumam reunir-se uma hora antes do jogo. Embora afirmem se tratar de um ritual, durante nossa pesquisa assistimos apenas uma vez à realização de um churrasco, acompanhado de chimarrão, celebrando as tradições rio-grandenses em pleno Rio de Janeiro.

No primeiro dia de pesquisa, começamos a perceber comportamentos na esperança de que se repetissem e que nos possibilitassem traçar uma linha de conduta característica do ritual de torcida deste grupo. Assim foi feito.

A observação mais evidente era a recorrência dos frequentadores. Logo compreendemos que as mesmas pessoas se conheciam e frequentavam o espaço em

todos os jogos. Assim como nos estádios, elas chegam ao bar em grupos. Durante o jogo, são movidos pelas emoções no acompanhamento de cada lance. Com as atenções concentradas na tela, dispersam-se os círculos de conversa. Durante o intervalo, configuram-se novamente as pequenas rodas e cada um comenta sua impressão do jogo.

Um número restrito de pessoas demonstra maior intimidade com o local. Chamamos estes de “estrelas”, pois transitam com facilidade entre os grupos ali presentes. As “estrelas” localizam-se em posições mais próximas à televisão. Ainda que cheguem depois dos outros, possuem uma espécie de vaga cativa. Esta não é ocupada senão por eles.

De maneira correlata à noção de “pedaço”, desenvolvida por Magnani (1992) ao abordar as apropriações do espaço público urbano, é possível identificar a demarcação de determinado território. Instauram-se códigos capazes de separar, ordenar e classificar. A existência de um conjunto de regras de pertencimento clubístico vale tanto para o reconhecimento dos que estão dentro do grupo, como também para aqueles que se encontram fora dele.

As partidas são acompanhadas por músicas, geralmente paródias, com letras que estimulam a torcida e, alegoricamente, os jogadores. Os cânticos invariavelmente detratam seu principal rival, o Grêmio. O público do bar interage de modo constante com a torcida do estádio. Quando esta aparece na televisão, passam a cantar mais alto e, por certas vezes, até ensaiam uma coreografia.

O sotaque carregado denota um grupo formado por pessoas nascidas na Região Sul do Brasil, mas residentes no Rio de Janeiro, com graus variados de enraizamento na cidade. Nota-se a utilização de vocabulários próprios da região, a exemplo do termo

“balaqueiro”⁸, voltado para o jogador que costuma fazer firula ou gracejo no jogo. Contudo, não passa despercebida a utilização de vocabulário de baixo-calão, prática aparentemente comum à maioria dos torcedores de futebol.

Apesar de serem as “estrelas” aquelas que mais se sentem livres para utilização deste tipo de vocabulário, a prática de xingamentos durante a partida é comum a todos os presentes, sejam homens ou mulheres. Sem pejo, eles são pronunciados aos gritos ou aos sussurros. O palavrão – mais para o plural do que para o singular, mais para o aumentativo que para o diminutivo, de fato – foi um elemento presente em todas as partidas, sendo empregados sem constrangimentos pela maioria das pessoas.

Tal como estudou Toledo, em “Por que xingam os torcedores” (1993), não há ali restrições para esse tipo de insulto. Na verdade, há um estímulo à sua utilização. É nesse espaço situacional que as ofensas são estimuladas e permitidas. Certas vezes, encorajavam-nos a adotar xingamentos e gesticulações, a fim de nos integrarmos mais ao contexto.

Com o intuito de diminuir esta dissonância, passamos a utilizar branco e/ou vermelho no dia dos jogos e, dessa forma, tentamos nos aproximar dos torcedores. Na primeira ida a campo, portamos roupas com outras cores e, visivelmente, causamos um estranhamento nas pessoas que ali estavam.

A tática de usar vestes vermelhas não nos tornou nativos. Assistindo ao jogo em um domingo, com o bar mais vazio, trajamos roupas encarnadas. Quando se iniciou o intervalo, um dos torcedores veio nos perguntar já respondendo “– Vocês não são colorados, são?!”. Respondemos que éramos do Inter, e então o mesmo nos convenceu a dizer o que éramos de fato.

⁸ Pessoa que se acha e que faz questão de se destacar dos demais, geralmente através de suas atitudes.

Nesse momento, sentimo-nos no dever de contar o propósito etnográfico. Para nossa surpresa, a recepção foi positiva. Nosso interlocutor dispôs-se a conversar e a nos atender no que precisássemos, quando a partida terminasse.

Esperamos o fim da partida para iniciar nossa entrevista. Havia uma sensação ambígua: a frustração pelo fracasso de nossa camuflagem e a euforia pela aceitação de um membro do grupo. Estar apenas de vermelho não nos tornou iguais ao grupo. Não obstante, a cor aproximou-nos do mesmo e demonstrou um interesse externo pelo evento que ali ocorria.

Aos quarenta e oito minutos do segundo tempo, terminava o jogo televisado e começava nossa conversa. Neste momento, descobrimos a existência de uma hierarquia organizacional, com a presença de um Cônsul, isto é, a pessoa responsável por marcar os encontros no Copinha. Diante de nossa abordagem, o entrevistado chamou a autoridade “diplomática” para responder às nossas perguntas.

Segundo o Cônsul, as atividades não precisam necessariamente ser marcadas por ele. Podem ser agendadas por qualquer torcedor, mas se não houver movimentação para a realização dos encontros, é ele quem deve mobilizá-los. Outra função precípua de sua parte é garantir que os frequentadores desses encontros se associem ao clube e paguem uma mensalidade.

Perguntamos sobre o apartamento do outro lado da rua, com bandeiras do clube desfraldadas na janela. Responderam-nos que era do Cônsul, mas que o Copinha não havia sido escolhido pela proximidade de sua casa.

Tal escolha havia ocorrido não somente antes de este ser nomeado ao cargo, mas de maneira informal. Antes de se reunirem naquela localidade, o encontro entre os colorados era realizado na Rua Siqueira Campos, também em Copacabana.

Os torcedores, porém, foram obrigados a procurar outro espaço, pois os moradores da vizinhança reclamaram do barulho feito durante os jogos. Os encontros no Copinha começaram com o grupo previamente formado. Dez torcedores que, com o passar do tempo, atraíram os demais. O Copinha, por ser um bar mais humilde, conhecido na gíria carioca como pé-sujo, não possuía estrutura para transmissões. Com o tempo, ficou conhecido como o Bar do Colorados.

Em outro dia de vista ao bar, chegamos com a intenção de conversar com o dono do estabelecimento. Desta vez, não nos anunciamos como pesquisadoras. Sentamos no banco junto ao balcão e iniciamos um bate-papo.

Soubemos então que o dono era vascaíno, mas que torcia pelo Internacional sempre que possível e que possuía camisa do time. Ao ser questionado se os torcedores causavam problemas, respondeu que nunca ocorrera qualquer situação inconveniente. Já quando o assunto era a frequência das pessoas, comentou que os jogos do final de semana eram mais vazios, fato que igualmente havíamos percebido.

Durante a semana o público é majoritariamente masculino, jovem, aparentemente torcedores recém-saídos do trabalho. Nos finais de semana, a predominância masculina continua, mas a presença de mulheres aumenta. O número de pessoas que aparecem para assistir ao jogo é menor e o ambiente se torna mais familiar. São distribuídos mais bancos para que mulheres e crianças se sentem.

Nessa breve incursão etnográfica, percebemos que o espaço em destaque é classificável. Entendemos o bar como ambiente privado de convivência e, ao mesmo tempo, como área pública de passagem, na medida em que consideramos sua parte estendida à calçada. Podemos dizer que ele é ressignificado em dia de jogo, quando a configuração do local é modificada por completo.

O bar é assim apropriado pelos torcedores. A apropriação é feita em maior grau pelas “estrelas”, os mesmos que passam a se comportar como donos do local. Já a calçada é tomada informalmente, com a passagem obstruída pelos torcedores que ali se aglutinam, bebem e conversam ruidosamente.

A presença assídua do grupo de torcedores mudou os hábitos locais e concedeu outra identidade ao botequim, tornando-se referência para os colorados, em sua maioria moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro. Entretanto, não só as pessoas modificaram o espaço, como este acabou por classificar as outras pessoas. Aqueles que tentam se aproximar sem conhecer previamente o espaço são tratados como “estrangeiros”.

Um observador alheio a encontros futebolísticos, e a seus processos de fidelização clubística, sente-se classificado por quem está dentro. A díade espacial dentro-fora foi uma barreira vencida paulatinamente durante o trabalho. Não adiantou usar somente a indumentária do time. Era necessário aprender as músicas, fazer comentários apropriados e gesticular conforme os procedimentos do grupo.

Ao descrever o ritual de socialização das torcidas dos times nos bares, observa-se a tentativa de reprodução das condutas verbais e gestuais realizadas pelos torcedores nos estádios. É nítida a transposição simbólica do espectador ao telespectador, com o comportamento das arquibancadas sendo mimetizado por aquele que se encontra em grupo, assistindo ao jogo diante de uma televisão.

Isso possibilita pensar a mobilidade espacial e a dinâmica torcedora em um contexto mais amplo. Até quando um determinado espaço possui uma classificação? Quantas formas classificativas ele pode assumir? A que categorias ele pode atender?

Eis algumas das questões suscitadas por esta etnografia do torcer, quando se extravasam os limites dos estádios e invade-se, por assim dizer, a cidade.

À guisa de conclusão: repensando esporte e juventude

Parece haver uma relação tautológica quando se relaciona o esporte à juventude. A compleição atlética e a força física do atleta são condicionantes à primeira vista naturais que aproximam o jovem das práticas esportivas. O tônus muscular, próprio do viço da juventude, permite que o desempenho atlético produza rendimentos nas competições esportivas, quer sejam estas profissionais ou amadoras. Mais do que pré-condição fisiológica, ser jovem traz consigo conotações que naturalizam sua proximidade com a atuação nos esportes.

A exibição do corpo viçoso é mais do que um elemento da performance. Ela pertence a um ideal estético ocidental, forjado na modernidade europeia de fins do século XIX e que se plasmou sob a forma competitiva com a reinvenção dos Jogos Olímpicos na Grécia. Junto ao advento dos esportes modernos, a dimensão corporal passa a ser integrada a um discurso pedagógico condicionado pela Educação Física, ciência do corpo então emergente. Os benefícios advindos das práticas esportivas tornam-se não apenas uma condição juvenil, mas são capazes de configurar, elas próprias, um modo de ser jovem.

No presente artigo, procuramos problematizar a relação naturalizada entre esporte e juventude. Privilegiamos para isto o caso das plateias de futebol, indo além do interesse comumente restrito aos praticantes do jogo. Enfocamos nas páginas precedentes a problemática da assistência, isto é, a do público que se estrutura em torno dos espetáculos esportivos. Em particular, demos atenção ao torcedor organizado de futebol e à maneira pela qual a juventude imprime suas marcas grupais, sociais e coletivas no esporte.

O limite extremo dessas marcas é dado pelas torcidas organizadas, grupos juvenis hoje identificados à imagem da violência. Vinculadas passionalmente aos clubes de futebol, elas são conhecidas pela sociedade envolvente e pelos meios de comunicação de massa através de atos violentos, praticados dentro e fora dos estádios. Casos de vandalismo e cenas de desordens são comumente reportadas pela imprensa e atribuídas a esses segmentos de torcedores, cujo perfil parece obedecer a um estereótipo: jovens pertencentes aos extratos baixos da sociedade, situados nos subúrbios e periferias das grandes cidades.

As pré-noções evocadas pelo senso comum acerca desses grupos contrariam as definições tradicionais do que se considera “ser esportivo”: superação do outro com respeito à regra; aprendizagem do autocontrole individual; uso da técnica corporal sem prejuízo ou dano do rival.

Essas torcidas, assim, agrupam jovens adeptos de um time de futebol que se instalam no universo dos esportes, mas que, à primeira vista paradoxalmente, passam a assumir condutas consideradas socialmente antidesportivas, passíveis inclusive de penalização e proscrição pelas autoridades públicas.

De que maneira a Sociologia, a Antropologia e a História nos auxiliam a compreender a atração exercida sobre milhares de jovens pelas rivalidades clubísticas e pelas condutas de risco no seio desses grupos?

De acordo com o Estatuto de Defesa do Torcedor, sancionado em 2003 pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, define-se o ato de torcer como aquele praticado por “toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva”⁹.

⁹ Artigo 2 da Lei 10.671/2003.

A definição acima, parte do esforço de regulamentar o usufruto do esporte, revela a recente preocupação das autoridades públicas brasileiras em proteger os frequentadores de estádios e em criar formas de responsabilização daqueles que organizam os eventos esportivos. Não obstante, uma compreensão da dinâmica de formação de identidades grupais juvenis ao redor dos esportes não logra êxito se permanece restrita a um foco meramente normativo, judicativo ou legislativo.

Mais do que aspectos de ordem legal e jurídica, o presente artigo se ateu a dimensões sociológicas, antropológicas e históricas do ato coletivo de torcer, constituído ao longo de gerações em diversos países que se destacaram pela identificação aficcionada por um clube de futebol. Ao circunscrever este tema, enfocou-se em especial a marca da juventude na configuração das torcidas de futebol.

Para isso, estruturou-se o artigo em quatro partes, com uma descrição sociológica inicial acerca do fenômeno *hooligan* na Inglaterra, à luz da teoria desenvolvida por Norbert Elias naquele país. Em seguida, descrevemos a introdução do debate sobre a violência no Brasil, com uma abordagem antropológica do comportamento desviante das torcidas organizadas, em estreito e tenso debate com as formulações moralizantes da opinião pública no que diz respeito aos atos de vandalismo.

Em um momento seguinte, abordamos as transformações arquitetônicas do espaço futebolístico e sua incidência na nova caracterização do público frequentador de estádios no Brasil. Tais mudanças vêm provocando, direta ou indiretamente, o surgimento de novas associações de torcedores, que se opõe à imagem tradicional de violência a que estão associadas no Rio de Janeiro, por exemplo, às Torcidas Jovens.

Por fim, optando por um olhar etnográfico, observaram-se formas alternativas ao espectador de futebol, com o entendimento de que, para além das arenas esportivas, o

fenômeno futebolístico atual é condicionado pela onipresença das transmissões televisivas, cujas audiências superam, e muito, a presença física nos estádios. A importância do telespectador ficou evidenciada na etnografia com o registro da atuação de uma “embaixada” de torcedores do Internacional, mediante a observação de seus rituais de assistência, sua mimetização dos estádios e de seus modos de socialização em um bar da zona sul do Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas

ADORNO, S. Violência e crime: sob o domínio do medo na sociedade brasileira. In: BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. M. *Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 554-566.

AGOSTINO, G. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALABARCES, P. (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

COHN, G. (Org.). *Max Weber – coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Márcia Regina da. *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DaMATTA, R. (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheque, 1982.

DAMO, A. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec; ANPOCS, 2007.

DUNNING, E.; WILLIAMS, J.; MURPHY, P. La violence des spectateurs lors des matchs de football: vers une explication sociologique. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.). *Sport et civilisation: la violence maîtrisée*. Avant-propos de Roger Chartier. Paris: Fayard, 1994, p. 335-366.

ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.). *Sport et civilisation: la violence maîtrisée*. Avant-propos de Roger Chartier. Paris: Fayard, 1994.

GASTALDO, E. O complô da torcida: futebol e performances masculinas em bares. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, n. 24, p. 107-123, 2005.

_____. “As relações jocosas futebolísticas”. In: *Mana: Revista de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, n. 16(2), 2010.

HOLLANDA, B. B. B. de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras; FAPERJ, 2010.

LEITE LOPES, J. S. Esporte, emoção e conflito social. *Revista Mana: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, vol.1, n. 1, p. 141-166, 1995.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços & trajetões. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 35, n. 1, p. 191-203, 1992.

_____; SOUZA, B. M. de. *Jovens na metrópole: etnografias de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MURAD, M. *Para entender a violência no futebol*. Rio de Janeiro: Editora Benvirá, 2012.

PERISTIANY, J. G.; PITT-RIVERS, J. (Orgs.) *Honor y gracia*. Madrid: Alianza, 1993.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

REIS, H. H. B. dos. *Futebol e violência*. Campinas: Autores Associados, 1996.

TEIXEIRA, R. C. *Torcidas jovens e novos movimentos de torcedores no Rio de Janeiro*. Paper apresentado no I Simpósio de Estudos sobre Futebol. Museu do Futebol: São Paulo, 2010.

TOLEDO, L. H. de. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. (Orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2000, p. 124-155.

_____. Porque xingam os torcedores de futebol. In: *Revista Cadernos de Campo*. São Paulo, n. 3, p. 20-28, 1993.

_____. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 92-101, jun.-ago. 1994.

_____. “Identidades e conflitos em campo: a ‘guerra do Pacaembu’”. *Revista USP*, São Paulo, n. 32, p. 108-117, 1997.

_____. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelo significado do torcer. In: COSTA, M. R. da. *Futebol, espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999, p. 146-166.

VOGEL, A. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o etos nacional. In: DAMATTA, R. (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982, p. 75-116.